

JOÃO FRANCISCO NEVES

nevesj@terra.com.br

***“AQUI, MAS NÃO AQUI”...
... ONDE?***

Phorus I. P. – JORNADA

25 de novembro de 2017

O que é
é
O que não é
é possível
Apenas o que não é
é possível.

(EINSTÜRZENDE Neubauten apud SAFATLE, Vladimir, em *O circuito dos afetos, Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*).

À GUIA DE UM PRÉ-TEXTO

Por décadas e décadas convivi e ainda convivo com os “Pontos/Contra-Pontos”...! Hoje, muitos analistas que desconsideram a possibilidade de uma Escuta Analítica da Família e do Casal, ganharam bons aliados por parte dos Psiquiatras Biológicos/Neurocientistas que “ignoram” a subjetividade nos termos tais como sustentados por Freud e sucessores... O Discurso é o mesmo: um “Paciente/Um Sujeito”, como o discurso defendido pela Medicina Clássica... A Clínica que pratico e as Reflexões Teóricas que tenho sustentado me mostram, a cada passo, o quanto esse pensamento é primário e lesivo aos pacientes e suas famílias e/ou casais...

“Pontos”

“A família, com seus assuntos e seus segredos, seus enredos e seus sintomas, seus encontros e desencontros, e também com suas novas configurações, segue, com efeito, falando-nos do mal-estar do sujeito contemporâneo. Mas *o psicanalista não escuta nem trata a família em seu conjunto. Não há psicanálise possível da família senão só de cada um de seus membros tomado em sua singularidade, um por um*. Convém entender então esta afirmação – a família nos fala – desde a hipótese do inconsciente: somos falados pela família, um por um, sem sabê-lo. Cada um é falado pelos oráculos familiares que foram escrevendo no texto de sua vida em forma de desejos, de demandas, de imperativos mais ou menos impossíveis de cumprir, mas sempre com um enigma a ser decifrado. Cada um transmite, também sem sabê-lo, este enigma indecifrado aos que a genealogia familiar situa como seus descendentes. É frequente que estes descendentes, como o sujeito fez para seus antepassados, lhe devolvam este enigma em forma de sintoma, também a decifrar. A criança, dirá Lacan, é o sintoma do casal parental. E então, cada um encontra desde o familiar aquilo que é mais estranho, o mais diferente, o mais Outro em si mesmo. Freud o qualificou com um termo, *das Unheimliche*, que não tem tradução fácil: o sinistro, a inquietante estranheza, o que de tão familiar acaba fazendo-se estrangeiro” (BASSOLS, 2017 – grifos meus).

“Contra-Pontos”

“A escuta analítica da Família/Casal só se tornou possível quando o autor conseguiu responder, circunscrevendo, às seguintes questões:

– qual a “natureza da escuta” a que estou me referindo? Por exemplo: O que escutar? Por que escutar? A quem escutar? Como escutar? O que interpretar? Como interpretar? A quem interpretar? Quando interpretar? O que possibilitaria a condução de um processo de “Análise de Família” / “de Casal”? Ou, ainda: em que bases teóricas ou enfoque clínico se assenta a Psicanálise de Família/de Casal? E do enquadramento, o que dizer? Enfim, não se trata somente de uma mudança de perspectiva na escuta do paciente individual, mas de uma ampliação da escuta nunca vista antes. Enfim, um novo paradigma.

Ou trata-se ainda de ficar na escuta desse mesmo paciente, em um novo setting, agora ampliado, juntamente com seus familiares ou com seu cônjuge? Neste caso, deve-se ficar na escuta simultânea dos diferentes discursos dos sujeitos, considerando-os isoladamente, sem maiores relações uns com os outros, e valorizando tanto o manifesto quanto o latente? Ou, mais ainda, deve-se ficar na escuta dos mesmos discursos, porém tratando-os, então, como um processo associativo, produzido pela trama dos discursos de cada sujeito, caracterizado como um discurso único, inconsciente, subjacente, que constitui uma espécie de tecido conjuntivo/interstício a ligar os discursos singulares que encontram, nele, sua sustentação?

Circunscrever, no entendimento do autor, é definir e redefinir um território/enquadramento. Trata-se de um território essencialmente resiliente... Há uma espécie de foco – também pode ser chamado de espaço analítico ou campo analítico – que se desloca de um ponto ao outro possibilitando uma escuta ao mesmo tempo plena e restrita... no “aqui agora”, sem, contudo, desconsiderar a história de cada sujeito como a da sua Família/Casal, incluindo aí os seus traços geracionais/transgeracionais. A “instalação do enquadramento”, como fica? Ou seja, quando alguém, no lugar de porta-voz da Família/do Casal, interroga o analista “quem deve comparecer à consulta?”, a resposta do analista certamente define um processo que será tanto mais analítico quanto mais analítica for a natureza da resposta dada (Publicado na orelha do livro).

Ficando- se

“... na escuta dos mesmos discursos, porém tratando-os, então, como um processo associativo, produzido pela trama dos discursos de cada sujeito, caracterizado como um discurso único, inconsciente, subjacente, que constitui uma espécie de tecido conjuntivo/interstício a ligar os discursos singulares que encontram, nele, sua sustentação?”

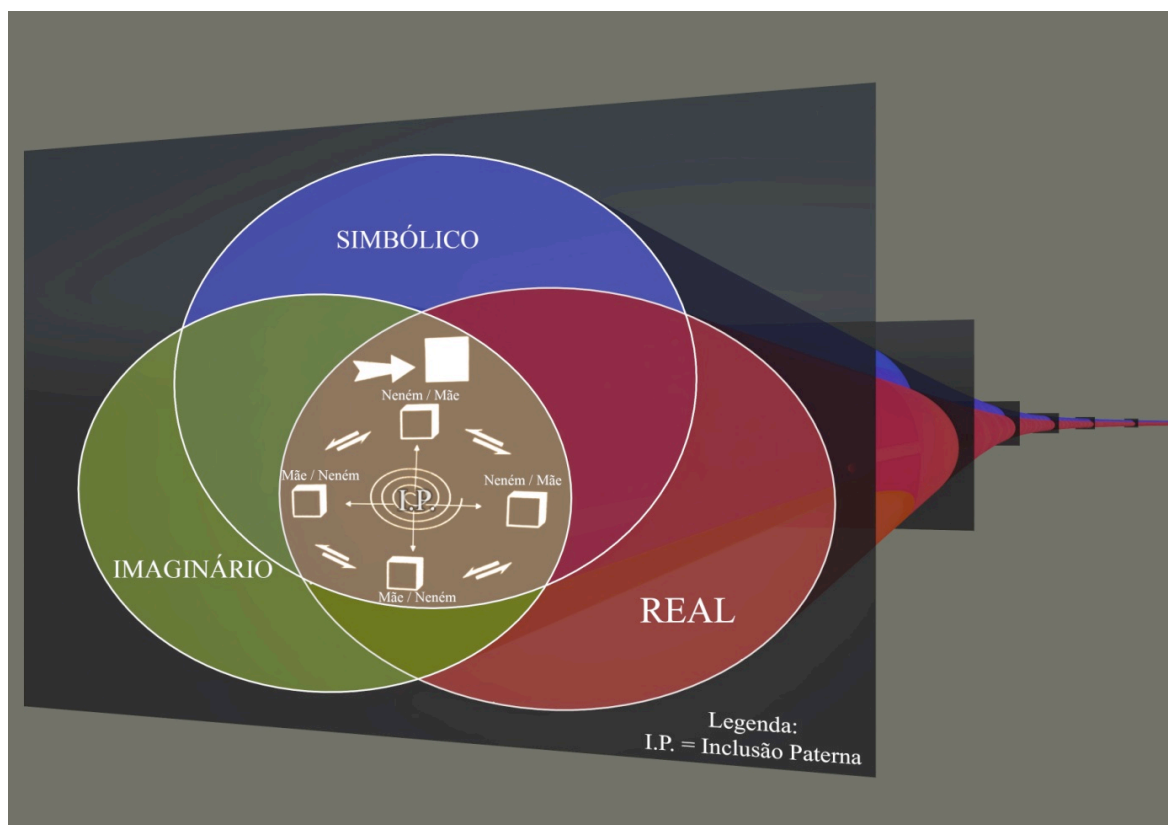
Retornando-se a

Uma questão de antes, novamente posta:

Qual a "natureza da escuta" a que estou me referindo? Por exemplo: O que escutar? Por que escutar? A quem escutar? Como escutar? O que interpretar? Como interpretar? A quem interpretar? Quando interpretar?

É com esse viés que iremos ao **Comunicado** a seguir:

Abordar o sujeito em sua complexidade, sem abrir mão das suas diferenças, sempre foi e continua sendo os nossos objetivos. Assim, temos uma sucessão de acontecimentos que *circulam através dos tempos e espaços in/definidos...*



Resumo

O autor se propõe, a partir da Escuta Analítica da Família/do Casal, examinar de forma *sinóptica o espaço α , o sujeito-em-situação, dois textos/livros (“Desaplanar” e “Aqui, mas Não Aqui”), os Vínculos, e, finalmente, uma Proposta de Interpretação que eu chamo de “Tridimensional Topográfica Visual”.*

Palavras-chave: o espaço α , o sujeito-em-situação, “Desaplanar”, “Aqui, mas Não Aqui”, Vínculos, Interpretação Tridimensional Topográfica, Psicanálise, Psicanálise de Família e de Casal.

I – INTRODUÇÃO

A grande questão é: a quem ou a quê(?) sempre somos convidados a responder, em todos os instantes:

“... onde estamos quando estamos no mundo?” (SLOTERDIJK apud PITTA, 2017, p. 150).

Como se sabe, eu sei e todos nós sabemos ou pelo menos intuímos, “O *desamparo radical é a condição humana prevalente*” (NEVES, 2017, p. 7).

Há anos eu disse:

“Sabemos por outro lado que, por ser dependente de outro para se constituir, o sujeito trará sempre a marca do desamparo. Todavia, essas vivências de perda, conflito, transformações bruscas acabam levando a um desamparo a mais, decorrente da desconstrução das estruturas psíquicas, sociais, culturais (acrescidas em 2017), econômicas, religiosas e políticas, conduzindo as pessoas, na última metade do século passado, a um longo processo de desenraizamento com perda das referências identificatórias” (NEVES, 2006, p. 12).

Neste contexto, o conceito de *“inconsciente estendido”* é de extrema importância para os nossos propósitos. Segundo Alves:

“O ‘alargamento’ da instância do inconsciente ou a constituição do ‘inconsciente estendido’, que ocorre nas condições do capitalismo global, é um dos pressupostos de negação da atividade praxeológica, consciente e racional do homem. Na medida em que se agudizam o fetichismo da mercadoria e a retificação, o inconsciente estende-se, tornando-se o pressuposto irremediável do sócio-metabolismo da barbárie. Marcuse observa, por exemplo, uma das implicações políticas da teoria freudiana: ‘As transformações fundamentais na sociedade industrial são acompanhadas de transformações igualmente fundamentais nas estruturas psíquicas primárias’” (MARCUSE, 1998, apud ALVES, 2008).

A partir desta articulação, há uma cumplicidade que nos envolve, a todos:

Freud, em seus escritos, diz que: *Onde estava o Id, ali estará o Ego...* conduzindo a uma *questão*, no mínimo, *insólita* (FREUD, 1976, v. XXII, p. 84):

Ou seja, fica claro para todos que a *Psicanálise* é uma tarefa *impossível*, ao lado da *Educação* e do *Governo*. Porém, segundo o meu *daemon*, é muito mais ainda: um Impossível quando falamos da *Psicanálise Clássica*, alcançando a *Psicanálise de Família* e a *Psicanálise de Casal*, quer tenhamos consciência ou não, sempre nos coloca no terreno de um *Impossível a Mais...*

Neste *Comunicado sinótipico* pretendo examinar/levantar algumas *questões* que me parecem de extraordinário valor heurístico. Os textos a seguir, que prefiro chamar de *Diálogos*, estão apenas esboçados. Isto é, todos partiram:

– de uma *Escuta analítica da Família/do Casal – Teoria Clínica* – que vem sendo desenvolvida por mim há *cinco décadas*;

– de dois livros – “*Desaplanar*” e “*Aqui, mas Não Aqui*” – que me caíram nas mãos em agosto passado me permitindo um Diálogo com os meus próprios escritos, sobretudo com meu livro “*Psicanálise de Família e Casal – Ensaio*”;

– A obra de Richard McGuire, “*Aqui*”, trata de uma superposição de imagens/vivências onde nos permite entender as profundas significações afetivas que a cronologia pode trazer para as nossas vidas... E “*Desaplanar*”, que faz um resumo – em HQ – de um questionamento ao que se pode chamar de pensamento único... que nos aprisiona e nos empobrece pela vida afora...! Ambos os livros, as imagens, assim pensamos, nos mostram as percepções e/ou visões que as famílias e os casais diariamente nos permitem ver ou escutar no consultório – ou seja, eles se colocam ou são colocados a nossa frente nos pedindo que apresentemos *novo sentido* as suas dores e impasses;

– a consciência progressivamente mais clara das reflexões de séculos e séculos atrás que falam das implicações cada vez mais profundas e indelévels da presença dos *Vínculos* em nossos relacionamentos, os quais, segundo *meu entendimento, estão/vão Aquém/Além dos Limites Geográficos, do Tempo, da Vida e da Morte*;

– a importância progressiva do *Espaço α* por mim idealizado;

– a criação/articulação na Psicanálise de Família e Casal do conceito de *Sujeito em Situação* – a partir do *Dasain* de Heidegger – e da *Situação no Sujeito* por mim igualmente articulados;

– um estudo inicial sobre a Interpretação em Psicanálise de Família e Casal que eu chamei de *Interpretação Tridimensional Visual* com Ênfase na *Verticalidade* e na *Tridimensionalidade*.

II – DA ESCUTA

Face a face ou à distância, o analista se coloca de frente para corpos, olhares dos mais diversos/mais ou menos perspicazes que se cruzam, se comunicam: relatos

lineares/oblíquos/superpostos, silêncios/omissões/esquecimentos "propositais", os quais têm sempre como substrato a *associação livre*. A proposta é:

– *Falem o que quiserem, como quiserem, quando quiserem, da forma que quiserem. A partir daí configura-se o contexto familiar, em análise, mesmo no caso da ausência de um ou mais dos seus membros, seja por qual motivo for – ausência física, abandono abrupto do setting ou por ficar fora do acesso da câmera –, quando o atendimento é feito a distância. Abandonar o setting, mudança de lugar no início ou durante as sessões, deslocamentos pelo consultório, exercícios, entre outros, de alongamento, uso contínuo do banheiro, formas de se vestir, de se alimentar (almoçar/jantar/lanchar) durante as sessões, recusa de ajuda médica ou procura insistente de médico a todo o momento, postura corporal, gesticular, olhar, silenciar de forma abrupta. Ou seja, instala-se um processo através de comportamentos/silêncios/verbalizações. Impõe-se, a partir de então, a atenção flutuante do analista: sentir/sem tocar, olhar/vendo, ouvir/escutando, silenciar/falando, sempre a partir da sua transferência/contratransferência propondo-se as seguintes Questões:*

Os membros da Família ou do Casal na condição de "Sujeito-em-Situação"/
"Situação no Sujeito":

– *progressivamente se distinguem uns dos outros, mas nunca se separam totalmente, prevalecendo sempre uma relativa In/certeza quanto aos seus limites de aproximação e ou afastamento que, em parte, não coincidem com o contorno da pele, predominando sempre, ainda que de forma residual, a singularidade de cada um, num processo de resiliência in/terminável. Desta forma, o "Setting Analítico Familiar/Casal Estendido" reproduz, através dos "Processos Associativos propostos: "Verbalizações"/"Silêncios", "Negativas"/"Atuações"(!?), "Gestos" (acting in/acting out), "Vivências/Revivências"/"Regressões"/"Comportamentos estereotipados – verbal, postural ou expressivo", "Presenças"/"Ausências" numa linha "Real/Imaginária/Simbólica de natureza Policêntrica", no "aqui/agora", "no passado, no presente, no futuro", enquanto Sujeitos/enquanto Grupo. Ou... Eles se comunicam em nível "intrassubjetivo/intersubjetivo/transubjetivo" vivenciando, em muitos casos, Acontecimentos/Não Acontecimentos (!?) que alteram ou podem alterar suas vidas de forma irreversível. São sustentados por um Laço Geracional/Transgeracional – Transmissão Psíquica – cuja dimensão nem sempre é uniforme. São laços a um só tempo*

"visíveis/invisíveis/intermináveis/imortais", "Inconscientes, ou seja, em um espaço para alguém/além dos Limites Geográficos, do Tempo, da Vida e da Morte". Laços estes sustentados pelas Tramas/Vivências Pulsionais – no interjogo de objeto –, bordejando os limites do sujeito. Estruturas que se fazem/ser, fazem/se desfazem graças a estes registros, cruzam/entrecruzam histórias em nível consciente/pré-consciente/inconsciente/politópico. Tudo acontecendo neste espaço – "definido/indefinido" – que "abrange" as histórias não ditas dos sujeitos ali presentes/ausentes – esquecidos, vivos, desejados ou "em memória", em segredos não imponderados, vividos, ainda não vividos, fantasiados, em devaneios. Neste processo – no setting – ocorre uma espécie de "compressão do tempo" que se consubstancia num só momento: "um presente resiliente". Ou numa visão "complexa"/"dialética"(!?), trazendo a Família e o Casal – sempre para a análise – as suas vicissitudes no "aqui/agora" sempre fugidio...

Em outras palavras, Simultaneamente – seja enquanto "Parte de um Todo" em um Intercâmbio Complexo e Interminável, seja enquanto "Sujeito em sua Singularidade Pleno-Complexa..."

III – TÓPICOS EM EXAME: SUMÁRIO

Primeiro: A Criação do Espaço α

Por espaço α ¹ eu entendo como sendo uma zona intermediária que permeia o espaço existente entre o *bebê*, a *mãe* e o *pai*. Na realidade funciona como espécie de criatório que possibilita o emergir das relações inconscientes da família já pré-existente no momento da constituição do casal. O espaço α , por mim idealizado, tem como ponto de partida os achados de Winnicott sobre o *espaço potencial* assim definido por ele:

“Apresentei, para discussão de seu valor como ideia, a tese de que o brincar criativo e a experiência cultural, incluindo seus desenvolvimentos mais apurados, têm como posição o espaço potencial existente entre o bebê e a mãe. Refiro-me à área hipotética que existe (mas pode não existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte desta) durante a fase do repúdio do objeto

¹ Espaço Alfa.

como não-eu, isto é, final da fase de estar fundido ao objeto” (WINNICOTT, 1975, p. 149).

Por outro lado, a minha concepção de *espaço α* vai muito além do *espaço potencial* de Winnicott, uma vez que para mim ele traduz toda a relação existente e a existir no seio da família. Trata-se de um espaço potencialmente imortal, já que ele traz em seu bojo toda a trama transgeracional. Uma das suas grandes características é o seu perfil *transitivo/intransitivo/transitivo*, ou seja, enquanto uma parte é passageira, (transitiva), a outra só é transitiva, embora potencialmente intransitiva, quando é passada de uma geração à geração seguinte.

Segundo:

a) Escuta do Sujeito-em-Situação

“Ao nível da Existência, a presença (Dasein) é um existir em situação. Não estar-aí, mas o ser-aí do sujeito que transforma um fato ou um acontecimento em situação dando-lhe conteúdo e significação, inserindo-a num horizonte de historicidade. A situação não vale pelo seu fora, mas pelo seu dentro. O valor existencial da situação não reside naquilo que lhe é exterior, como os fatos e os acontecimentos que a envolvem, por exemplo, mas naquilo que a faz existir como situação: o sujeito, o eu. E o sujeito ou o eu está sempre em situação” (JASPER, 1956, citado por PERDIGÃO, 2001, p. 545).

Eu sempre penso que, progressivamente, me proponho não somente *tocar/olhar/ouvir*, mas especialmente *sentir/ver* e me colocar progressivamente na *Escuta do Sujeito-em-Situação...*

b) Escuta da Situação no Sujeito

Hoje, tem me sido possível conseguir *articular* uma *Clínica* a partir da seguinte *Torção*: um *Conluio Interminável do Sujeito-em-Situação... da Situação no Sujeito*.

Em um texto, ainda inédito, eu digo a partir de TOZZATO:

“... passamos a incluir uma nova dimensão na escuta clínica e a definir o sujeito não apenas como sujeito do inconsciente, mas igualmente como sujeito do grupo, ancorado numa grupalidade psíquica e nos grupos internos, especialmente no grupo familiar. Os vínculos intersubjetivos aparecem, portanto, como uma”

[agora, segundo KAËS]

“... condição necessária e decisiva para a construção da subjetividade”
(KAËS, 2000, p. 97, citado por TOZZATO, 2004, p. 39).

Enfim, é meu o pensamento:

O Sujeito tanto mais ficará preso a esta cadeia intersubjetiva quanto menor for seu processo de individuação... Ou ainda, ele tem que “dosar-se” tendo como base as “Séries Complementares de Freud”. E mais ainda, partindo sempre de uma estrutura/núcleo inconsciente cuja Origem se perde no espaço e no tempo, em *constante Processo de Trans/formação...*

Terceiro: Os Vínculos

Peter Sloterdijk, no livro *Esferas I – Bolhas*, fala da *magia da intersubjetividade do início da época moderna*, apresentada o livro de Giordano Bruno, *Tratado de Magia e das Forças Vinculares em Geral*, no qual o conceito de vínculo é assim desenvolvido:

“O vínculo consiste, portanto, em uma certa concordância não apenas dos membros entre si, mas também em uma certa disposição concordante daquele que atrai com o atraído, para expressar-me assim [...]. O vínculo não atrai a alma se não a puder ligar e prender. Não a prende se não a alcança. Não a alcança se ela não puder ser atraída por alguma coisa. De alguma maneira geral, o vínculo atinge a alma pelo conhecimento, prende-a pelo afeto e a atrai pelo gozo [...]
(Ibidem, p. 170-171).

[...] O vínculo não é igual em toda coisa que vincula, nem em toda coisa vinculada (p.172).

[...] Prende-se mais fortemente se o vínculo transporta alguma coisa do que prende ou quando o que prende domina outra coisa mediante algo dele mesmo. Por isso as unhas e os cabelos dos seres vivos bastam para obter o domínio sobre o corpo [...] (p.174).

[...] O vínculo difere em cada caso, conforme beijamos os filhos, o pai, a irmã, a esposa, a amante, a prostituta e o amigo (p.176).

[...] Não se prende nada que não tenha sido preparado de maneira muito apropriada [...] (p.172).

[...] O vínculo não atua da mesma maneira desde qualquer coisa e sobre qualquer coisa, tampouco atua sempre, mas apenas na constituição que corresponde ao que está correspondentemente constituído (p.174).

[...] O vinculado corre em direção ao vinculante através de todos os sentidos, ate o ponto em que, atingida uma vinculação perfeita, ele quer atravessá-lo totalmente ou adentrá-lo, na medida em que se trate de vínculos do desejo (p.200).

[...] Não é possível vincular a si alguém a quem o próprio vinculante não se ache por sua vez obrigado [...]. A amante [...] não se vinculará efetivamente (in actu) a um amante se este não estiver também ligado efetivamente a ela (p.211)" (BRUNO apud SLOTERDIJK, 2016, p. 199-200).

Ou, em outras palavras: os *vínculos* levam todos nós a...

... um aprisionamento no interior de uma Corrente Geracional/Transgeracional... a uma Comunicação de Consciente a Inconsciente... Repito: onde se dá um processo interminável de Transmissão que ocorre de forma Contínua[?] Intermitente[?] (In) terminável[?], para além de quaisquer limites de ordem afetivo/física, temporal/atemporal, social/cultural, transitando ininterruptamente[?], seja pela via do consciente, pré-consciente ou do inconsciente...!

Expressando de outra forma: *Família/Casa > Vínculo entre ; e :*

Quarto: Transferência/Contratransferência > Interpretação

Uma reflexão inicial sobre a *Interpretação em Psicanálise de Família e Casal* invariavelmente passa pela *Trama Transferencial-Contratransferencial*... Uma Interpretação que eu proponho tem um atributo *Tridimensional com a presença simultânea da verticalidade*. Ou seja, uma “*Interpretação Tridimensional Topográfica Visual*”. O(s) *Sujeito(s)* é “*visto(s) de cima*” numa “*Visão Aérea Tridimensional*” – uma *visão que eu chamo de sítio arqueológico* –, possibilitando uma “*Projeção Imaginária*” dos seus *Laços Conscientes, Pré-conscientes/Inconscientes, Geracionais/Transgeracionais*. Ou ainda: dos *espaços tramas (intrassubjetivas)*, *espaços tramas (Intersubjetivas)* e *espaços tramas (transubjetivos)*... Do Centro aos Limites do “*Espaço α : do Sujeito-em-Situação e da Situação no Sujeito...*”.

Neste sentido, a partir da Transferência/Contratransferência, a Interpretação da *escuta do subjacente da Família/Casal* se dá a partir da pluralidade/singularidade do Sujeito-em-Situação... da Situação no Sujeito... Ou seja, a Interpretação faz emergir o sentido latente do discurso da *Família/Casal*.

A Interpretação/Intervenção como Ato

Quando o analista de Família e/ou Casal – *acionado* geralmente pelo porta-voz da família/casal – intervém em *Atos* que expressam comportamentos de risco para além da verbalização, os sujeitos são, então, convidados para uma *sessão de emergência* para as próximas horas ou dias... Ou conforme o caso, o analista comparece à casa da família ou casal.

IV – Finalizando sem Finalizar

Ou seja, onde se encontra o sujeito?

Se encontrado, prefiro pontuar a partir de um *terceiro*. Ou seja, fica para todos a seguinte questão:

“Está claro que [se encontrado?] estou suscetível a desaparecer subitamente, de um instante a outro. Não seria então melhor falar de minhas possessões sem demora?” (BECKETT apud SAFATLE, 2016).

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovane Antônio Pinto. *A subjetividade às avessas: toyotismo e "captura" da subjetividade do trabalho pelo capital*. In *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2008, vol. 11, n. 2, p. 223-239.

BASSOLS, Miquel. Editorial para Lacan XXI – Rumo ao VIII ENAPOL: “A criança entre a mulher e a mãe”. In *Revista eletrônica da FAPOL – Federação Americana de Psicanálise de Orientação lacaniana*, v. 2, 2017.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXI – A dissecção da personalidade psíquica. *Obras completas*, vol. XXII, p. 84. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GIORDANO, Bruno. *Tratado de magia e das forças vinculares em geral*. Munique: Diederichs (Alemanha), 1995.

JORNAL “AQUI”. Belo Horizonte, 29 de outubro de 2017. Nº 402.

MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, vol. 2.

McGUIRE, Richard. *Aqui*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2017.

NEVES, João Francisco. *A concepção do mundo e suas implicações na escuta do sujeito à escuta da família*. Belo Horizonte, 2006.

NEVES, João Francisco. *Projeto para uma Psicanálise no século XXI – Segundo Extrato: A escuta psicanalítica da família – Segundo esboço de uma metapsicologia – o espaço α* . Belo Horizonte: jornada Phorus, 2007, p. 5-7.

NEVES, João Francisco. *A Psicanálise e a Questão da Transgressão – “O Sujeito Ontem/Hoje; O Des/Amparo”*. Belo Horizonte, 2017, p. 7.

ROSS, Lilian apud LABAKI, Amir. *A arte de Lilian Ross*. *Jornal Valor*, caderneta eu e fim semana - coluna é tudo verdade, p. 33. São Paulo: ano 18 - nº 880, 29 de setembro, 2017.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. revista. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 (1ª edição Cosac Naify, 2015).

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: bolhas*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016, vol.I.

SLOTERDIJK, Peter apud PITTA, Maurício Fernando. *Resenha: Esferas I: bolhas*. *Revista Natureza Humana*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 149-158, jan./jul. 2017.

SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Veneta, 2017. 208 p.

TOZATTO, Maria Inês Saadi de. *Transmissão Psíquica. Metamorfoses teórico-clínicas de um campo em movimento*. Tese (Doutorado), 236p. Departamento de Psicologia da PUC RIO, Rio de Janeiro, 2004. In Revista J. *Alienação Parental*, Revista Digital Luso-Brasileira, nov.2013 – jan.2014.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

João Francisco Neves

Psicanalista

Sócio Fundador do Phorus i.p – Instituto de Psicanálise.

Consultório

Rua Santa Catarina, nº 1495

Bairro: Lourdes

CEP: 30.170-081

Belo Horizonte – MG

Contatos: (31) 3335-8388 / (31) 9 9975-1495

E-mail: nevesj@terra.com.br